

## CONTRIBUIÇÕES FILOSÓFICAS DE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS À METODOLOGIA DA PESQUISA SOBRE RELIGIÃO

Carlos Eduardo de Carvalho Vargas  
Faculdades Integradas Santa Cruz – Curitiba/PR

### RESUMO

Este trabalho apresenta algumas contribuições que a metodologia da filosofia concreta e a concepção de *Mathesis Megiste* em Mário Ferreira dos Santos podem oferecer ao estudo do *fundo cósmico da religião* por meio da noção de *tímese parabólica* para conhecer mais sobre os caminhos do fenômeno religioso, recuperando, em um mundo que acentua tantas diferenças, o ideal de unidade dos saberes e da própria filosofia. Mário Ferreira, que completaria cem anos de vida em 2007, possuía esse ideal que tornou-se manifesto nos 48 volumes da sua “*Enciclopédia das ciências filosóficas e sociais*”, sendo que o último deles foi sugestivamente intitulado “*Deus*”.

**Palavras-chave:** Filosofia Concreta. Mathesis Megiste. Tímese Parabólica. Mário Ferreira dos Santos.

### ABSTRACT

This work presents some contributions to the methodology of the *concrete philosophy* and the conception of *Mathesis Megiste* in Mário Ferreira dos Santos can offer to the study of the cosmic fundament of religion by means of the notion of “*parabolic estimative*”, helping collaborating to know more on the ways of the religious phenomenon and, thus, recouping in a world who accents as many differences, the ideal of unit of knowing and the unit of the philosophy. Ferreira dos Santos, who would complete one hundred years of life in 2007, possessed this ideal that became manifest in the 48 volumes of his “*Encyclopedia of philosophical and social sciences*”, whose last book was suggestively called “*God*”.

**Key words:** Concrete Philosophy. Mathesis Megiste. Parabolic Estimative.  
Mário Ferreira dos Santos.

*"Estamos agora, depois de uma atomização especializada constante, marchando para um novo período: o concrecionador"* (Mário Ferreira dos Santos).

### **Introdução: em busca de uma metodologia de pesquisa**

O objetivo desse artigo é apresentar algumas contribuições que a metodologia da filosofia concreta e a concepção de Mathesis Megiste em Mário Ferreira dos Santos podem oferecer ao estudo do *fundo cósmico da religião*<sup>1</sup>. Por meio da noção de *tímese parabólica* é possível conhecer mais sobre os caminhos do fenômeno religioso no mundo contemporâneo. Dessa forma, colabora-se para recuperar, em um mundo que acentua tantas diferenças, o ideal de unidade dos saberes e da própria filosofia. Mário Ferreira, que completaria cem anos de vida em 2007, possuía esse ideal que tornou-se manifesto nos 48 volumes da sua *"Enciclopédia das ciências filosóficas e sociais"*, sendo que o último deles foi sugestivamente intitulado *"Deus"* (Santos, 1968d).

O *status quaestionis* do problema dos métodos e das teorias sobre o fenômeno religioso é amplo. Pode-se ter uma amostra<sup>2</sup> na bibliografia de Waardenburg (1974) e na lista de abordagens "clássicas" que ele apresenta em Waardenburg (1973). Em outra obra, esse autor levanta de maneira interessante o problema da metodologia na pesquisa sobre a religião:

*"Problem and method are not suspended em the air; they are not ideals, but are connected in a very direct way with the subject matter of a piece of concrete research.. Besides the method seen as a way to approach the subject matter, there are also the research techniques or methods wich are used and the general theory, wich is part of a theory of science and scholarship..."* (Waardenburg, 1978, p.51).

Nesta linha de raciocínio, pode-se considerar que uma metodologia de pesquisa não é um ideal ou mesmo uma ideologia, mas é uma maneira concreta de lidar com os dados de uma pesquisa e encaixá-la em uma concepção do conjunto de conhecimentos com

---

<sup>1</sup> Algumas expressões ferreirianas ficarão destacadas em itálico.

<sup>2</sup> Outro autor que apresenta um *status quaestionis* interessante das abordagens do fenômeno religioso é Wilber (1987), o qual é comparado com Mário Ferreira dos Santos em Vargas (2006).

os quais se lida, especialmente com uma teoria da ciência. É exatamente isto que será oferecido por Mário Ferreira dos Santos com sua filosofia concreta e suas metodologias associadas como, por exemplo, a *dialética concreta*, *pentadialética* e *decadialética*<sup>3</sup>. E a própria noção de estudo da religião nas suas diversas modalidades, especialmente da Teologia<sup>4</sup> e da Simbólica<sup>5</sup>, torna-se mais coerente com os outros ramos do conhecimento quando considerados em seu devido posicionamento teórico na *Mathesis Megiste*<sup>6</sup>.

O autor da “*Enciclopédia das ciências filosóficas e sociais*” começa se perguntando se é possível colocar o tema da origem da religião em bases realmente seguras tomando o que há de positividade em cada posição filosófica relevante. Considerando as teses do naturalismo, do evolucionismo, do *evhemerismo*<sup>7</sup>, do animismo, do sociologismo<sup>8</sup> e analisando as *condições ecológicas*, incluindo as influências astronômicas, meteorológicas e geográficas em geral (Santos, 1963, p.43-4), Santos afirma que as respostas de nenhuma destas correntes de pensamento<sup>9</sup> conseguiu oferecer uma resposta suficientemente completa e conclui que “*a religião é a estruturação de um pathos muito mais profundo do ser humano, com suas raízes na afetividade, que, por sua vez, penetra no cósmico, que nossa razão racionaliza em esquemas*<sup>10</sup> *abstratos*” (Santos, 1963, p. 44).

Dessa maneira, seguindo a metodologia da filosofia concreta, seria evitado o erro<sup>11</sup> *abstratista* que consiste em negar ou excluir fatores que também deveriam ser levados em consideração, o que evitaria uma notável origem de erros filosóficos:

---

<sup>3</sup> Este tema será retomado abaixo.

<sup>4</sup> Tema da obra “*O homem perante o infinito*” (Santos, 1963).

<sup>5</sup> Tema da obra “*Tratado de Simbólica*” (Santos, 1956a).

<sup>6</sup> Tema que também será retomado abaixo quando serão apresentados alguns breves esclarecimentos sobre a *Mathesis*.

<sup>7</sup> Referência à interpretação da mitologia feita por Evhemero, filósofo grego do século IV a.C.

<sup>8</sup> A sociologia, em particular, foi tema de um estudo privilegiado de Mário Ferreira dos Santos em “*Sociologia fundamental e ética fundamental*” (Santos, 1959c). O livro citado de Wilber (1987) delimita uma abordagem comparativa entre sociologia, psicologia e religião. Estes dois últimos campos foram abordados de maneira integrada por Mário Ferreira nos seus estudos sobre Noologia, que tomam alguns volumes de sua “*Enciclopédia das ciências filosóficas e sociais*”, especialmente em “*Noologia Geral*” (Santos, 1956b).

<sup>9</sup> Entre as quais ele incluiu os estudos *bionômicos* que consideram a relevância do terror e do temor cósmico que se manifestam em uma catarse que se precipita em estruturas histórico-sociais religiosas, as considerações sobre a simbólica que incluiria justamente as manifestações simbólicas desde os povos mais antigos e também há a complexidade do pensamento teológico influenciado pela filosofia ocidental (Santos, 1963).

<sup>10</sup> Estes esquemas foram tratados de maneira ampla por Mário Ferreira dos Santos nos seus dois tratados sobre esquematologia: Santos (1968b, 1968c).

<sup>11</sup> Ferreira dos Santos desenvolve o tema dos erros filosóficos de maneira mais sistemática em “*Origem dos grandes erros filosóficos*” (Santos, 1964), mas também dedicou um livro aos erros na filosofia da natureza (Santos, 1967e) e um aos erros na filosofia da lógica (Santos, 1966).

*“O grande período de análise, que realizou a Filosofia nestes vinte e cinco séculos, trouxe uma contribuição poderosa e robusta. Quando notamos os erros abstratistas, o excesso de acentuação e de atualização de uma aspecto formal, que levou tantos homens a examinar detidamente o fragmento de realidade que foi considerado, notamos que houve um bem e houve um mal. Um bem, porque o excesso de atenção ao aspecto fragmentário permitiu subdividir e subdistinguir, ampliando o conhecimento de aspectos subordinados: um mal, ao atribuir a esse fragmento da realidade a única realidade, negando o valor aos outros fragmentos que outros destacaram” (Santos, 1962c, p. 12).*

### **Considerações sobre a “tímese parabólica” e o “fundo cósmico da religião”**

O resultado dessa metodologia no estudo da religião é a apresentação do “*fundo cósmico da religião*”. A *análise decadalética*<sup>12</sup> realizada por Mário Ferreira para chegar a essa conclusão não poderá ser reproduzida aqui, mas é esboçado na obra “*O Homem perante o infinito*” e incluiria análises prévias feitas conforme

*“os planos do sujeito e do objeto, observando os aspectos do conhecimento e do desconhecimento, quer racional, quer intuitivo, bem como objetivamente na antinomia das ordens de intensividade e de extensividade<sup>13</sup>, para alcançarmos, afinal, a invariância das formas religiosas, apesar da variância das formas históricas que nos apresenta” (Santos, 1963, p.44).*

Estas considerações não poderão ser apresentadas neste artigo, mas culminarão na noção de *tímese parabólica*, que é fundamental na filosofia de Mário Ferreira dos Santos. Essa expressão procede do grego e significa apreciação ou estima por meio de uma comparação. A *tímese parabólica* é a capacidade humana de considerar um objeto ideal possível, que é considerado melhor, com aquilo que se tem efetivamente. É assim que o ser humano pode se sentir insatisfeito com as condições atuais e buscar algo que poderia ser melhor. Esta meta que se *possui virtualmente* enquanto é buscada é o Bem ou perfeição de algo que existe. Mesmo sem saber estruturá-la em esquemas abstratos, não se pode negar a *posse vivencial* de tais conceitos. Esta busca do bem pode ser observada nos vários planos que se referem ao conhecimento, desde o físico-químico, passando pelo biológico, psicológico até o sociológico.

---

<sup>12</sup> Sobre a decadalética conferir, por exemplo, o livro “*Lógica e Dialética*” (Santos, 1955).

<sup>13</sup> Intensividade e extensividade são conceitos fundamentais na obra de Mário Ferreira dos Santos e são mais desenvolvidos na obra “*Filosofia e Cosmovisão*” (Santos, 1958a).

Assim, alcançar essa perfeição é alcançar o seu *maximum*, ou a perfeição da sua respectiva potência, isto é, daquilo que tinha aptidão de existir e atualizar-se. Mesmo assim, a perfeição vivida na experiência páthica ainda não esgota o conhecimento vivencial que se pode ter daquela ser: ele *pode ser* mais, isto é, tem novas possibilidades a realizar, o que seria uma *perfeição maior*. Desta forma, em cada momento, co-existem dialeticamente a perfeição e a imperfeição, em diferentes aspectos, pois “*todo ente prefixado, toda sistência que se prefixa existencialmente, não é, em ato, tudo quanto pode ser, não atinge, assim, a plenitude de ser de si mesma*” (Santos, 1963, p.46). É a tensão<sup>14</sup> entre perfeição e imperfeição, entre limitado e ilimitado, entre bem e mal, entre o que foi atualizado e aquilo que ainda é potência.

Pode parecer complicado, mas lidar com essas dualidades parece ser uma das principais habilidades desse filósofo que é um mestre da dialética (Santos, 1955, 1959a, 1959b). Esse tema da *tímese parabólica* é retomado em outros livros e em outros contextos<sup>15</sup>, mas teologicamente ele terá um desenvolvimento específico, remetendo-se a Deus<sup>16</sup>: “*todo bem aponta ao ilimitado, ao bem supremo, ao bem que não se limita, à perfeição das perfeições, o Deus das religiões superiores*” (Santos, 1963, p. 47).

Assim, o ser humano possui a “*consciência da posse virtual do bem*”, sabe que um ente poderia ser mais perfeito e sabe que sabe disso. E tal conhecimento pode ser

---

<sup>14</sup> As tensões em geral foram explicadas mais sistematicamente por Mário Ferreira dos Santos no livro “*Teoria Geral das Tensões*” (Santos, 1968f).

<sup>15</sup> Este tema aparece, por exemplo, em “*Filosofia e História da Cultura*”(Santos, 1962a, p. 71).

<sup>16</sup> “*Então vai examinando, nos mostrando que em primeiro lugar temos que considerar Deus como uma perfeição máxima e nós como seres perfectíveis, isto é, seres que podem ir adquirindo cada vez mais perfeição, dentro das nossas possibilidades, dentro dos nossos limites; apesar de sermos material e mesmo intelectualmente imperfeitos temos possibilidade de superar a nossa imperfeição pelo nosso próprio esforço, que é justamente no que vai consistir o verdadeiro sentido da religião, porque o verdadeiro sentido da religião, o sentido da piedade, da eusébia dos gregos, vai consistir no respeito, na veneração aos graus perfectivos do ser supremo ou dos seres que são considerados deuses. E a verdadeira piedade, que era o nome que se dava à religião, significa isto, este respeito por esses valores supremos, e o homem é piedoso à proporção em que busca realizar em si estas perfeições, dentro naturalmente das suas possibilidades. Quer dizer, a verdadeira religião é aproximar-se de Deus. Os pitagóricos diziam com muita profundidade: "se queres aproximar de Deus faze com perfeição tudo o que fazes, porque em todas as tuas obras, desde o momento que busques a perfeição tu te aproximas da suprema perfeição, então te aproximas de Deus. Tu podes transformar todos os teus atos em atos verdadeiramente religiosos". Este é o sentido que os pitagóricos davam à religião; a religião significa verdadeiramente assemelhar-se a Deus, buscar a semelhança de Deus procurando fazer do modo mais perfectivo possível todos os nossos atos, todas as nossas ações, buscando a maneira mais perfectiva de ser. Em suma, esta concepção é realmente a verdadeira concepção das religiões, pois o cristianismo é realmente a verdadeira concepção das religiões, a eusébia, passou para o temor de Deus, dá como o primeiro dom do Espírito Santo, fundamental para a idéia religiosa” (Santos, 1968d, p. 250- grifos do autor). Esta idéia da consagração de todos atos da vida humana a Deus também aparece nos comentários ferreirianos aos *Versos Áureos* de Pitágoras (Santos, 1968i, p.50).*

simbolizado diversas maneiras, inclusive por meio de conceitos filosóficos. Os filósofos atribuíram diferentes nomes e perceberam distintos aspectos dessa realidade<sup>17</sup>, mas trata-se invariavelmente do ímpeto a alguma melhoria ou perfeição, sendo fundamentalmente um *saber páthico* ou vivencial que procede de alguma “*experiência do mundo empírico*” (Santos, 1963, p. 47).

Aqui poderiam surgir algumas questões na mente do leitor: por exemplo, é um impulso apenas externo ou *predisponente*, nos termos de Mário, ou também é interno ou *emergente*? Estamos diante de uma das tensões dialéticas mais importantes da filosofia de Mário Ferreira. Em um certo momento, esse impulso emergiu em alguém, mas uma vez manifesto como cultura religiosa, passa a atuar como fator predisponente e vice-versa.

E ainda: sabe-se pela própria vivência que há essa perfeição a ser desejada em cada situação, mas é possível provar que todos os entes anelam esta perfeição? Ferreira dos Santos o faz pela análise dialética do “*atualizar-se constante de todo o devir*” (Santos, 1963, p. 49). Assim, o ímpeto de realizar a plenitude da própria forma é o vetor do existir de cada ente. E esse valor supremo que se pode atingir é o bem, do qual se tem uma *posse virtual* justamente pela capacidade de *tímese parabólica*, que independe mesmo de nossa consciência “*porque todo existir tem um só vetor: buscar a perfeição do seu bem, o seu maximum de perfeição com o minimum de dispêndio, de oposicionalidade*”<sup>18</sup> (Santos, 1963, p. 51). Há um maximum entre os maximum? Sim, é Deus<sup>19</sup>, pois não há um ser

---

<sup>17</sup> Mário cita, nessa linha, “*vontade schopenhaueriana, vontade nietzscheana, Eros, o inconsciente de Hartmann, élan vital, etc*” (Santos, 1963, p. 47).

<sup>18</sup> Os negritos foram colocados pelo próprio Mário Ferreira dos Santos.

<sup>19</sup> E a manifestação humana desse maximum dos maximum? É a personalidade humana mais perfeita, o Cristo, tema de “*Cristianismo, a religião do homem*”. Mário Ferreira dos Santos abordava esse tema de uma maneira muito peculiar: “*Se considerarmos Cristo sob um aspecto, no qual podemos encontrar-nos quase todos, isto é, representando Ele o que o homem tem de mais alto na sua forma perfectiva, caminhando para a Divindade – ou mesmo, neste sentido, reaproximando-se do Ser Supremo – podemos afirmar que a reflexão filosófica não pode deixar de ter uma tonalidade cristã. Não pode haver uma reflexão verdadeiramente filosófica que não erga o homem do menos para o mais. Portanto, o Cristianismo presta e sempre prestou benefícios ao filósofo, razão pela qual a Filosofia teve o seu maior desenvolvimento sob a égide do Cristianismo. Será também apenas através da concepção cristã, que se poderá realizar uma Filosofia superior capaz de unir os homens e fazê-los se compreenderem, pois Cristo representa, no homem, tudo quanto ele tem de mais elevado. Já dizia Pitágoras que a verdadeira piedade – aliás, a eusébeia – era a justa e nobre veneração da Divindade, consistindo aquela na prática de nossos atos perfectivos superiores. Aproximando-nos, pois, de Deus na medida em que praticamos, de modo mais perfeito, os nossos atos. Em suma: a eusébeia (a verdadeira piedade), para os pitagóricos, é a assemelhação a Deus. Este conceito não é exclusivo dos pitagóricos, mas de revelação universal, de todos os ciclos culturais*” (Santos in Ladusans, 1974, p. 426-7).

maior do que o Ser. Este tema dos atributos divinos foi desenvolvido na obra intitulada “Deus”, da qual foi selecionada o trecho abaixo:

*“Este sentido da religião é o reconhecimento da perfectibilidade absoluta de Deus que faz com que nós, seres humanos, sabendo que podemos nos erguer, somos um ser que podemos evoluir perfectivamente e nos graus superiores do nosso entendimento, o homem deve erguer-se nesse caminho para. aproximar-se da divindade... O homem pode erguer-se acima de si mesmo, porque toda a vez que eleva-se acima de si mesmo pratica um ato profundamente religioso, mesmo que ele não seja religioso, mesmo que não seja crente, mesmo que seja ateu; devemos respeitar aqueles ateus de vida digna, de vida exemplar, aqueles que procedem de uma maneira que não podem sofrer acusações; eles podem não crer em Deus, podem não ter uma visão de Deus, mas procedem como homens que crêem num valor superior.(...) Ora, sendo Deus o primeiro ser, fonte e origem de todos os outros, e todo o ser provindo dele, necessariamente ele tem que conter a perfeição de todas as coisas. A perfeição de uma coisa não pode ser o seu aspecto negativo, só pode ser o seu aspecto positivo, portanto a perfeição está no caminho do ser, quer dizer, nós temos tanta perfeição quanto ser possuímos, cada ser é mais perfeito na proporção não do que dele se ausenta mas do que dele se presencia, do que dele se testemunha, do que dele se afirma positivamente como ser. Então, conseqüentemente, o ser supremo deve conter em si todas as perfeições porque do contrário a perfeição que houvesse em qualquer ser outro que Deus teria provindo de onde, do nada?” (Santos, 1968d, 251-2).*

### **Alguns esclarecimentos sobre a Filosofia Concreta**

A análise dialética de Ferreira dos Santos não termina nesse ponto, mas continua considerando o conhecimento de Deus distinguindo os diferentes aspectos da funcionalidade do conhecimento: intelectualidade, sensibilidade e vivencial ou pático<sup>20</sup>. Entre estes, ele destaca o conhecimento simbólico de Deus pela polaridade intelectualidade-afetividade antes de passar para o conhecimento racional de Deus e suas respectivas provas e objeções. Seu objetivo é oferecer “*dialeticamente (incluindo o racional e o intuitivo), uma visão, uma experiência da divindade, suficiente para conter em seu bojo, o que há de concretamente positivo nas diversas concepções, sem desprezar o que elas, por abstratas, excluem*” (Santos, 1963, p. 63).

E assim retorna-se ao tema da filosofia concreta, cujo interesse para a pesquisa de temas religiosos foi exemplificada acima, e que tem, como um dos seus principais atrativos,

---

<sup>20</sup> Mário Ferreira chamou essa “*nóesis pática*” de “*frônese*” (Santos, 1963, p. 64).



a potencialidade de *analogar* as positivities sistematicamente: “*Não nos cabe mais filiarmo-nos a um ismo e, subordinarmo-nos a ele, mas realizar a concreção; ou seja, construir a visão concreta que reúna essas positivities, analogando-as com um nexos que justifique a sua realidade, não a sua exclusividade*” (Santos, 1962b, p. 13).

Esta concreção seria mais completa se tivesse uma maneira de demonstrar que não pudesse ser logicamente rejeitada por nenhuma escola lógica ou filosófica. Nesse sentido, Mário Ferreira dos Santos considera criticamente os diversos métodos de demonstração: “*o emprego de qualquer via demonstrativa exclusiva pode suscitar dúvidas quanto aos fundamentos das teses expostas*” (Santos, 1957a, p.20) e, por isso, rejeita a utilização das várias formas de demonstração, priorizando as seguintes espécies de demonstração:

*“a via formal, que nos oferece a lógica aristotélico-escolástica, primacialmente dedutiva, o método indutivo-dedutivo, a demonstração a more geométrico, a demonstração pela reductio ad absurdum, a demonstração e converso, a demonstração pela dialética idealista, pela dialética socrático-platônica, que emprega com eficiência a analogia, na cata dos logoi analogantes, pela dialética pitagórica, pelo pensamento circular de Raimundo Lúllio e, finalmente, pelo emprego de nossa dialética noética, que inclui a metodologia da decadialética, da pentadialética e da dialética simbólica”* (Santos, 1957a, p.20-1).

Quem não possui essa cultura enciclopédica de Mário Ferreira dos Santos também pode utilizar adequadamente o método da filosofia concreta nos seus estudos, embora tenha menos recursos demonstrativos. O ponto essencial do método da filosofia concreta é que se trata de um método dedutivo que parte do “*eidós*” ou do “*logos*” para chegar no conceito propriamente lógico, fazendo assim uma “*matematização da filosofia*”, não entendida no sentido da “*matemática vulgar*”, mas uma espécie de “*metamatetização*” da filosofia, pois a Filosofia Concreta é uma “*metamatemática*” ou uma “*metalinguagem*” (Santos, 1967b, p. 16).

Explicar este ponto plenamente implicaria em uma explicação do sentido que a matemática possui para Mário Ferreira dos Santos, o que é assunto das suas obras sobre o conceito de número, de matemática (Santos, 2000), unidade e multiplicidade (Santos, 2001b), acerca do simbolismo dos números (Santos, 1956) e, finalmente, dos números entendidos como leis *matéticas* ou leis das possibilidades puras (Santos, 2001 a). Por enquanto, convida-se o leitor a tomar conhecimento dos conteúdos dos livros citados, mas o autor desta pesquisa limitar-se-á a descrever sucintamente que, de acordo com aquelas

fontes, a Matemática pode ser considerada uma área da *Mathesis Megiste*<sup>21</sup> (Santos, 1967b, p. 16) e pode ser, por sua vez, dividida em três sub-áreas, pois “*a matemática não deve ser considerada nesse aspecto restrito que teve no Ocidente...*” (Santos, 1967b, p. 22): a matemática das quantidades, a matemática das relações e a matemática das qualidades<sup>22</sup> (Santos, 1967b, p. 22).

Desta forma, tal “*metamatematização*” é o critério essencial do método da filosofia concreta, o que é confirmado por Ferreira dos Santos: “*alcançamos, porém, a filosofia concreta quando principiamos a trabalhar com a arithmoi de estrutura ontológica rigorosa*” (Santos, 1957a, p. 21). Trabalhar com o *arithmoi* implica na “*intuição*” dele de acordo com a sua estrutura ontológica<sup>23</sup>, a qual, para Mário Ferreira era, em certo sentido, correspondente à “*intuição eidética*” fenomenológica<sup>24</sup> (Santos, 1967a; Husserl, 1949). Por um lado, tal *matematização qualitativa* opõe-se à fundamentação do conhecimento na apreciação das *coisas físicas* por serem de *ordem contingente* e, por outro, corresponde ao seu ideal da *máxima perfeição possível*<sup>25</sup> que consiste em “*passar do terreno da contingência para o da necessidade, para o postulado apodítico, para o axioma em suma*” (Santos, 1963, p. 160).

### **A relação entre a filosofia concreta e a Mathesis Megiste**

Em outras palavras: o ideal da filosofia concreta se realiza com a condução da filosofia para a mathesis, isto é, à *instrução suprema*, que ocorre quando se chega aos postulados necessários do pensamento filosófico, formando a metalinguagem citada acima. Assim, o tema da filosofia concreta remete para a *Mathesis Megiste*<sup>26</sup>, que foi desenvolvida mais sistematicamente em Santos (1967b): “*Vamos verificar então, que esta mesma*

---

<sup>21</sup> Em Husserl (1949) aparece o termo “*mathesis universalis*”, o qual possui alguma semelhança com a mathesis de Ferreira dos Santos, mas, inspirado em Leibniz.

<sup>22</sup> Mário Ferreira associa essa matemática qualitativa principalmente com os pitagóricos e com os escolásticos (Santos, 1963, p. 160).

<sup>23</sup> Ferreira dos Santos fazia uma distinção rigorosa entre os estratos ôntico, lógico e ontológico (Santos, 1966).

<sup>24</sup> Esta comparação entre Mário Ferreira dos Santos e Edmund Husserl foi realizada pelo autor deste artigo em Vargas (2006) a partir de uma sugestão deixada em um texto inédito pelo próprio autor da filosofia concreta (Santos, 1967a).

<sup>25</sup> O que é coerente com a noção de *tímese parabólica* apresentada acima.

<sup>26</sup> Há explicações mais completas sobre a *Mathesis Megiste* em Santos (1967b), inclusive sobre o status da Mathesis como ciência (Santos, 1967b, p. 104) e sobre seu objeto (Santos, 1967b, p. 135).

*metalinguagem será a metalinguagem a qual se reduz a ciência e a qual se reduz a própria filosofia que é a Matese*<sup>27</sup>. Veremos que a Matese no fim é a metalinguagem da própria simbólica, da própria ciência, da própria filosofia, inclusive até da religião” (Santos in Santos et Galvão, 2001, p. 33).

O aprofundamento do estudo dessa Mathesis Megiste mostrará que ela é uma espécie de Sabedoria (Santos, 1967b), pois implica em uma certa “*realização espiritual*” que Ferreira dos Santos, em um contexto *pitagórico*, chamou de “*iniciação de terceiro grau*” (Santos, 2000):

*“Nisto, segundo M. F. dos S., consiste a filosofia como ciência ou melhor como superciência e sabedoria dos princípios. Ela é concreta porque nos faz conhecer a própria realidade das coisas em suas íntimas raízes, e não tem por objeto idéias a priori; deve ser positiva, quer dizer construtiva e não puramente crítica e negativa; ela é apodítica e não só problemática e provável. Ela poderá lançar uma ponte entre a metafísica e a religião cristã revelada e poderia constituir um novo método de apologética e de catequese especialmente dado aos ambientes culturais de hoje. Juntando numa síntese mais profunda os elementos de convergência dos maiores filósofos, desde Pitágoras, Platão, Aristóteles até Sto. Tomás, Scot, Suarez e integrando com maior objetividade, à luz das contingências históricas de cada pensamento, os pontos de divergência, F. dos S. elabora um sistema ao qual, em homenagem a Pitágoras, e por causa do método dialético empregado, deu o nome de Matese. Ao mesmo consagrou uma série de trabalhos já prontos e em via de publicação. Ela constará de uns 15 volumes, entre os quais salientamos os títulos seguintes: Sabedoria dos Princípios, Sabedoria da Unidade, Sabedoria do Ser e do Nada, Sabedoria das Tensões, Sabedoria das Leis Eternas, etc.” (Beraldo in Santos et Galvão, 2001, p. 43).*

O pesquisador das religiões que, superando as resistências céticas<sup>28</sup>, aplicar o método da filosofia concreta buscará o “logos” (Santos, 1967b) de um conceito na sua máxima eideticidade<sup>29</sup>, afastando dele toda a imagem, tomando-o em uma “*representação puramente eidética, excluindo toda facticidade, não considerando-o nem no tempo, nem no espaço, nem ontologicamente, nem axiologicamente*” (Santos, 1967b, p. 26). Baseando-se nas comparações acima, talvez pudéssemos utilizar as palavras de Husserl e afirmar que

---

<sup>27</sup> Ferreira dos Santos também usava o termo Matese para se referir à citada Mathesis Megiste. Aquele termo foi o nome que ele deu à sua editora.

<sup>28</sup> Mário Ferreira dos Santos respondeu às objeções fundamentais à aplicação da filosofia concreta em Santos (1957a) e o autor desse artigo comentou brevemente em Vargas (2006, p. 83).

<sup>29</sup> Esta meta possui, como foi assinalado em Vargas (2006), uma semelhança notável com a busca de Husserl juízos universais sobre essência ou “juízos de validade universal eidética”, os quais possuem “o caráter da universalidade essencial, da universalidade pura, ou, como também se diz, ‘rigorosa’, absolutamente incondicionada” (Husserl, 1949, p. 24).

buscaremos o “*puramente eidético*” ou aquilo “*que se funda puramente em uma essência*” (Husserl, 1949, p. 27).

Assim, cada *logos* incluirá tudo o que nele é incluído, formando uma sistemicidade, pois cada um dos *esquemas* conceituais incluirá “*uma série de outros conceitos e de juízos, que estão virtualmente contidos nele, e que somos capazes de captar e de com eles construir uma série de juízos*” (Santos, 1967b, p. 26-7). Talvez seja justamente essa a maior colaboração da noção de Mathesis Megiste ao estudo da religião: a potencialidade de um estudo que ordene filosofia e religião em um conjunto integrado de conhecimentos.

### **Conclusão: a relação entre filosofia e religião**

Foi por meio dessas reflexões que o levaram à formulação de um método rigoroso para a filosofia e de uma sistematização enciclopédica do conjunto da cultura que Mário Ferreira realizou seu ideal de colaborar com o aprofundamento da compreensão da religião em sua estrutura universal<sup>30</sup>:

*“Consideraria tudo que estou fazendo na minha vida sem valor se não chegasse a uma possibilidade de divulgar a idéia religiosa de uma maneira mais sã e mais completa. Muitos alunos se afastam porque pensam que eu quero levá-los para dentro de uma ordem religiosa ou quero transformá-los em adeptos dessa ou daquela religião, não, eu quero levá-los para o sentido cristão, porque eu considero o cristianismo a suprema das religiões, e justifico tal afirmativa”* (Santos, 1968e, p.8).

---

<sup>30</sup> Essa meta pessoal de Mário Ferreira resultou em uma maneira peculiar de tratar da religião, a qual teve resultados marcantes em seus alunos, como ele mesmo contou em uma de suas palestras (Santos, 1967d) e como ficou registrado em sua biografia “*o meu desejo era este, vou confessar agora, eu sempre desejei a minha volta pessoas capazes de um dia ajudar num trabalho de pregação religiosa, mas de pregação séria, independente das seitas, independente das diversas igrejas, nesse verdadeiro sentido do cristianismo, a religião do homem abrindo as portas, porque nós estamos hoje vivendo uma época de desenvolvimento técnico e de desenvolvimento científico, de desenvolvimento cultural em muitos aspectos, mas completamente esvaziada de espiritualidade e sem essa espiritualidade tudo isso é falho, tudo isso é fraco. Só o cristianismo nos poderá dar essa base que está nos faltando, o homem não pode viver sem religião*” (Santos in Santos et Galvão, 2001, p. 34). As autoras da biografia fizeram o seguinte comentário sobre a obra “*Cristianismo, a religião do homem*”: “*demonstra que o cristianismo é a única religião que não depende de raça nem de ciclo cultural, ela surge de uma revelação através do próprio homem. O cristianismo pede ao homem que seja perfeito naquilo que lhe é próprio, quer dizer, é a superação do homem. É a única religião que tem caráter ecumênico e poderá ser a religião do homem para todo o sempre, pois não depende dos ciclos culturais e das civilizações*” (Santos et Galvão, 2001, p. 34). Apesar dessa ênfase no cristianismo, Mário Ferreira foi um estudioso notável das mais variadas religiões, até mesmo pela sua tendência a fazer uma abordagem filosófica de caráter universal, como se percebe nas análises religiosas que fez no “*Tratado de Simbólica*” (Santos, 1956a) e na tradução e nos comentários que fez do *Tao te King* (Santos, 1968h).

Uma das mensagens da obra de Mário Ferreira dos Santos é que a filosofia e a religião não devem ficar dissociadas, em um protesto contra a arrogância da *irreligião*<sup>31</sup> e, principalmente, contra as forças que procuravam derrubar a religião para adquirir mais poder, como ele denunciou em obras como “*Invasão vertical dos bárbaros*” e “*Deus*”<sup>32</sup>:

*“A verdadeira Filosofia caminha paralela à Religião, porque, se esta é o caminho para elevar o homem a Deus pelas ações, aquela é o caminho para elevar o homem – pela meditação, pelo pensamento, pela pesquisa, pela especulação – também, a Deus. Por isso, a Religião pertence à vida prática e a Filosofia sobretudo à vida especulativa – o que não impede que a Filosofia especule também sobre a vida prática e nela atue dentro das normas desta. Isto corresponde à vontade, ao entendimento humano na sua ação em busca do bem; mas a Filosofia é a vontade e a especulação em busca da verdade. Conseqüentemente, o homem, à medida que especula pela verdade, aproxima-se do Ser Supremo e à proporção que busca o seu justo bem aproxima-se de Deus. Esta é a razão por que o divórcio entre Filosofia e Religião... é apenas uma covardia, a ser substituída por uma atitude heróica, enfrentando, mostrando os defeitos dessa posição e propondo os verdadeiros caminhos de ascensão” (Santos in Ladusans, 1976, p. 427).*

Depois desse trajeto guiado pela filosofia concreta de Mário Ferreira dos Santos da explicação da origem da religião por meio da noção de *tímese parabólica* até a contextualização teórica da religião na Mathesis Megiste, apresenta-se o convite para que a pesquisa seja aprofundada, pois Ferreira dos Santos deixou um instrumental filosófico que não apenas serve para a pesquisa dos temas religiosos, mas parece colaborar na vivência religiosa, na medida em que desenvolveu um método de interpretação simbólica

---

<sup>31</sup> “Uma das máximas pitagóricas era afirmar que o pior flagelo do homem era a irreligião, depois, a falta de sobriedade” (Santos, 1968i, p. 62).

<sup>32</sup> “Agora, que haja interesses que estão acima das próprias ideologias, interesses secretos, as genuínas forças ocultas que desejam solapar a religião para poder fundar o seu império sobre tudo e sobre todos é outro problema, seríssimo e gravíssimo, que é difícil tratar e difícil de provar; porque estes, que sempre estão nos bastidores da história, são suficientemente solertes e astuciosos para não deixar provas que possam amanhã servir de instrumentos para denunciá-los. Mas, que há uma inteligência organizada no mundo atual, buscando destruir todos os fundamentos religiosos, todo princípio de piedade, todo respeito a um Ser Supremo, princípio e origem de todas as coisas, para com isso poder desligar os homens, impedir a assembléia dos homens, a *ecclésia*, a união, o amor, para fazer com que cada um veja no outro seu inimigo, esse trabalho há, porque essa suprema divisão facilitará o domínio fácil de um pequeno grupo sobre toda a humanidade, porque terão enfraquecido os homens a ponto de que esse pequeno grupo, com poucos instrumentos, poderá dominar totalmente os outros para seu benefício. Lutar portanto pela grandeza das religiões, pela idéia teísta, mostrar a improcedência das acusações comuns que se tem feito à religião, julgamos de nosso dever, e esta seqüência de obras que se iniciam por este volume tem essa finalidade: de reunir, do pensamento humano, numa espécie de antologia, o que há de mais elevado, de mais perfeito, de mais sublime, de mais seguro, para servir de esteio para àqueles que, embora creiam, mas sentem qualquer vacilação, e também para auxiliar àqueles que perderam a sua fé para que a recuperem, e os que ainda não a alcançaram, para que possam alcançá-la. Esta é uma tarefa que escolhemos sabendo que é grandiosa e difícil, talvez superior as nossas forças, mas julgamos que é de nosso dever experimentar empreendê-la e levá-la a bom termo.” (Santos, 1968d, p. 8).

que percebe todas as coisas como símbolo e traçou uma autêntica *via simbólica* como *itinerarium mysticum* (Santos, 1956). A noção de *tímese parabólica* abre esse caminho *páthico* para o conhecimento divino, mas a simbólica complementa a filosofia concreta na formação da dialética concreta da Mathesis Megiste, tema de Santos (1968g), mas cujos *vestígios*<sup>33</sup> aparecem espalhados pela obra *ferreiriana*:

*“Por isso que nas religiões se fala nos vestígios de Deus, isto é, nas marcas que Deus deixa impresso em todas as coisas, pelas quais o homem pode penetrar para encontrá-lo, reencontrá-lo, porque nós podemos perdê-lo pela nossa inteligência, pela nossa vontade e pelo nosso entendimento, mas não o perdemos pela nossa existência. Então quem reencontra a Deus, e esse é o caminho da religião, é o homem enquanto ser inteligente, enquanto o ser que tem uma vontade, um entendimento e um amor. Ele então poderá reencontrar Deus; e ele reencontrará como? Partindo dos vestígios de Deus que se dão em todas as coisas, que ele pode e deve procurar penetrar. Alguns filósofos negaram esta presença de Deus em todas as coisas...”* (Santos, 1968d, p. 5).

---

<sup>33</sup> Termo com o qual Mário Ferreira se remetia à filosofia de São Boaventura (1967a).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERALDO, Carlo. **Santos, Mário Ferreira dos**: verbete da “Enciclopédia Filosófica”- Centro di Studi Filosofici di Gallarate. Firenze, G.C. Sansoni Editorem 1969.
- GALVÃO, Nadiejda et SANTOS, Yolanda. **Monografia sobre Mário Ferreira dos Santos**. São Paulo: s. ed., 2001.
- HUSSERL, Edmund. **Ideas relativas a uma fomenología pura y una filosofia fomenológica**. Trad.: José Gaos. Pánuco: Fondo de Cultura Econômica, 1949.
- SANTOS, Mário Ferreira. **Lógica e dialética**: lógica, dialética, decadialética. 2ª ed. São Paulo: Logos, 1955. 283p.
- \_\_\_\_\_. **Tratado de simbólica**. São Paulo: Logos, 1956a. 251p.
- \_\_\_\_\_. **Noologia geral** (a ciência do espírito). São Paulo: Logos, 1956b. 230p.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia concreta**. São Paulo: Logos, 1957a. 284p.
- \_\_\_\_\_. **Ontologia e Cosmologia**. São Paulo: Logos, 1957b. 259p.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia e cosmovisão**. 4ª ed. São Paulo: Logos, 1958a. 268p.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia**. 3ª ed. São Paulo: Logos, 1958b. 259p.
- \_\_\_\_\_. **Métodos lógicos e dialéticos**: vol. I. São Paulo: Logos, 1959a. 245p.
- \_\_\_\_\_. **Métodos lógicos e dialéticos**: vol. II. São Paulo: Logos, 1959b. 252p.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia fundamental e ética fundamental**. 2ª ed. São Paulo: Logos, 1959c. 246p.
- \_\_\_\_\_. **Filosofias da Afirmação e da Negação**. São Paulo: Logos, 1959d. 253p.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia concreta**: tomo 1º. 4ª ed. São Paulo: Logos, 1961a. 209p.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia concreta**: tomo 2º. 4ª ed. São Paulo: Logos, 1961b. 218p.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia concreta**: tomo 3º. 3ª ed. São Paulo: Logos, 1961c. 196p.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia e história da cultura**: I volume. São Paulo: Logos, 1962a. 211p.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia da história e da cultura**: III volume. São Paulo: Logos, 1962b. 199p.
- \_\_\_\_\_. **Análise de Temas Sociais**: vol. 1. São Paulo: Logos, 1962c.
- \_\_\_\_\_. **O homem perante o infinito**. 5ª ed. São Paulo: Logos, 1963. 251p.
- \_\_\_\_\_. **Origem dos Grandes Erros Filosóficos**. São Paulo: Matese, 1964.
- \_\_\_\_\_. **Grandezas e Misérias da Logística**. São Paulo: Matese, 1966. 156p.
- \_\_\_\_\_. **Trecho de aula 1**: Sobre psicologia. Transcrição de aula. São Paulo. 1967a.

- \_\_\_\_\_. **A Sabedoria dos Princípios**. São Paulo: Matese, 1967b.
- \_\_\_\_\_. **Invasão Vertical dos Bárbaros**. São Paulo: Matese, 1967c.
- \_\_\_\_\_. **Santo Tomás e a Sabedoria**. Transcrição de palestra. São Paulo: Instituto Teológico Pio XI de São Paulo, 1967d.
- \_\_\_\_\_. **Erros na Filosofia da Natureza**. São Paulo: Matese, 1967e.
- \_\_\_\_\_. **A Sabedoria da Unidade**. São Paulo: Matese, 1968a.297p.
- \_\_\_\_\_. **Tratado de esquematologia**, tomo I. São Paulo: s.ed., 1968b.
- \_\_\_\_\_. **Tratado de esquematologia**, tomo II. São Paulo: s.ed., 1968c.
- \_\_\_\_\_. **Deus**. Original datilografado. São Paulo. 1968d 228p.
- \_\_\_\_\_. **Unidade de Deus**. Original datilografado. São Paulo. 1968e. 8p.
- \_\_\_\_\_. **Teoria geral das tensões**. Original datilografado. São Paulo. 1968f.
- \_\_\_\_\_. **Dialética Concreta: uma metodologia da ciência**. Original datilografado. São Paulo. 1968g. 196p.
- \_\_\_\_\_. **Tao-Te-Ching**, de Lao-Tsê (tradução e comentários). Original datilografado. São Paulo. 1968h. 85p.
- \_\_\_\_\_. **Comentários aos “Versos Áureos” de Pitágoras**. Original datilografado. São Paulo. 1968i. 88p.
- \_\_\_\_\_. Meu filosofar positivo e concreto. In: LADUSANS, Stanilavs (org.). **Rumos da filosofia atual no Brasil: em auto-retratos – primeiro volume**. São Paulo: Loyola, 1976. 533p.
- \_\_\_\_\_. **O Apocalipse de S. João: A Revelação dos Livros Sagrados**. São Paulo: Cone Sul, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Pitágoras e o tema do número**. São Paulo: IBRASA, 2000. 240p.
- \_\_\_\_\_. **A sabedoria das leis eternas**. São Paulo: É Realizações, 2001a. 142p
- \_\_\_\_\_. **Platão – o um e o múltiplo: comentários sobre o Parmênides**. São Paulo: IBRASA, 2001b. 277p.
- \_\_\_\_\_. **Cristianismo**, a religião do homem. Bauru: Edusc, 2003.
- VARGAS, Carlos E. **Encontro com a filosofia concreta** (livro no prelo). São Paulo: Érealizações, 2006.
-



WAARDENBURG, Jacques. **Classical Approaches to the Study of Religion:** classical Approaches: Aims, Methods and Theories of Research. The Hague: Mouton & Co., 1973. 746p.

\_\_\_\_\_. **Classical Approaches to the Study of Religion:** classical Approaches, vol. 2: bibliography. The Hague: Mouton & Co., 1974. 336p.

\_\_\_\_\_. **Reflections on the Study of Religion:** Including an Essay on the Work of Gerardus van der Leeuw. The Hague: Mouton Publishers, 1978. 281p.

WILBER, Ken. **Um Deus Social:** breve introdução a uma sociologia transpessoal. Trad. Cláudia G. Duarte. São Paulo: Cultrix, 1987. 193p.

---